O AGRONEGÓCIO É O SEGUINTE

CUIDADO COM A TAXA DE JUROS DO CRÉDITO RURAL

O MOVIMENTO da sociedade civil parece ter reduzido a turbulência política das eleições. Com isso, espera-se que o câmbio flutue menos, mas ainda deve ficar ao redor de R$ 5,00. Em função da redução dos impostos, os últimos levantamentos mostram a inflação em queda, devendo ela fechar o ano ao redor de 8%. Nesse cenário, a taxa básica de juros (Selic), atualmente em 13,75%, deve subir pouco – se subir. No entanto, a Selic deve ficar um bom tempo no nível atual.

Esse contexto da taxa Selic superior à inflação (que deve ser ainda menor em 2023) significa juros reais positivos (e elevados). Assim como a nossa matéria de capa alerta, deve-se dar muita atenção à taxa de juros dos financiamentos rurais. Sobre o valor a ser disponibilizado nas operações de crédito, incidem custos que, muitas vezes, não são percebidos pelo produtor ou são ignorados diante da necessidade de recursos ou da falta de uma fonte alternativa. No entanto, apenas como exemplo, o acréscimo de um custo de operação de 3% a.a. (algo bem provável de acontecer) sobre uma taxa de juros pré-fixada de 12% a.a. resultaria em uma taxa de juros final de 15,5% a.a, valor que é muito desafiador para qualquer atividade produtiva, principalmente para o agro.

Quanto ao resultado esperado para a safra corrente, as margens, no caso da soja produzida em Mato Grosso, serão positivas, mas inferiores ao resultado da safra 2021/22. Considerando a forte elevação nos custos de produção e adotando um cenário conservador de preço médio (adequado para o processo de planejamento), o resultado projetado é de um lucro próximo a R$ 1.900,00 por hectare em 2022/23. Nas duas ótimas safras anteriores, o lucro superou os R$ 5.000 por hectare.

Com o avanço da safra 2022/23, correm dois movimentos de interesse muito especial para o agro brasileiro. Primeiro, a definição do mandato de biodiesel dos atuais 10% para 14% (B14) entre janeiro e fevereiro de 2023 e em 15% (B15) a partir de março. Segundo, um movimento importante para o agro refere-se ao protocolo assinado pela China para importar milho do Brasil, cujo potencial de transação pode elevar os embarques de milho para aquele país a níveis próximos do atingido pela soja.

Para transportar toda essa produção, que cresce safra após safra, é preciso investir continuamente em logística. Nas ferrovias, apesar de o minério de ferro ainda ser, de longe, o principal produto em termos de volume transportado, respondendo por mais de 70% do total, os principais granéis agrícolas (soja, açúcar, farelo de soja e milho) têm aumentado continuamente os volumes transportados nos últimos dez anos. Em 2021, foram movimentados 20,7 milhões de toneladas de soja, açúcar, farelo de soja e milho, o que representa mais do que o dobro do transportado em 2010. A soja é a *commodity* agrícola que mais ganhou espaço nas locomotivas ferroviárias, aumentando três vezes o volume transportado no mesmo período. Quanto aos investimentos no setor, continuando na direção dos últimos anos, a tendência é de queda na participação do setor público. Assim, caberá ao Governo o papel de prover um ambiente seguro dos pontos de vista regulatório, jurídico e institucional, de modo a atrair o investidor privado.

Olhando para a agroindústria brasileira, uma nova projeção do Centro de Agronegócio da Fundação Getulio Vargas (FGV Agro) indica que o setor deve registrar um crescimento de 1,9% neste ano, com uma significativa contribuição do segmento de produtos alimentícios e bebidas (2,2%). Até junho, os indicadores apontavam um movimento inconsistente de recuperação. Assim, essa mudança positiva de cenário pode ser explicada pela expectativa de melhora dos indicadores macroeconômicos (inflação, desemprego e crédito), somada ao efeito esperado do pagamento do Auxílio Brasil, que deve promover um aumento do consumo.

O protagonismo dos temas ambientais e climáticos na atividade agropecuária nacional cresceu com os resultados práticos positivos alcançados pelo Plano Setorial de Mitigação e de Adaptação às Mudanças Climáticas Visando à Consolidação de uma Economia de Baixa Emissão de Carbono na Agricultura (Plano ABC) no período de 2010 a 2020. As metas estabelecidas e o balanço das emissões e dos sequestros de gases do efeito estufa (GEE) foram obtidos com um assertivo sucesso. Com essa experiência adquirida e o progresso ocorrido nas aplicações das tecnologias sustentáveis focadas nas zonas de clima tropical, foi lançado o Plano ABC+, de

olho no horizonte de 2030. Na entrevista do mês, a zootecnista Fabiana Villa Alves, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), detalha os pormenores de como se deu essa evolução até os dias atuais.

Apesar de todo esse avanço, o Brasil está longe de ter o reconhecimento da comunidade internacional quanto ao seu esforço em direção a um perfil de produção ambientalmente sustentável. Apesar de o País preservar mais de 66% dos biomas, utilizar apenas 7,8% da sua área total no cultivo agrícola e ter alcançado padrões avançados de produção sustentável em diversos setores, não consegue ser visto como um produtor sustentável, embora seja um dos maiores fornecedores em volume de alimentos para o mundo. Há problemas a ser corrigidos no caminho, mas o Brasil tem perdido a narrativa sobre a produção agropecuária sustentável e não tem participado da construção das normativas em torno de um novo arranjo para o comércio global desses produtos. Isso precisa mudar rapidamente. A criação do Observatório de Conhecimento e Inovação em Bioeconomia da Fundação Getulio Vargas (FGV) – encubado na Escola de Economia de São Paulo (FGV EESP) – tem como objetivo justamente ajudar o Brasil a construir essas narrativas, com base na elaboração e na divulgação de conhecimento científico sobre o assunto.

Por fim, em fase de pós-pandemia, os encontros técnicos e científicos do agro voltaram com uma forte participação presencial do público neste ano. A ***Agroanalysis*** cobriu alguns eventos importantes. O Sindicato Nacional das Empresas de Aviação Agrícola (SINDAG) comemorou o 75° aniversário do primeiro voo de uma aeronave para combater a infestação de gafanhotos em Pelotas, no Rio Grande do Sul. A Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) realizou o Salão Internacional de Avicultura e Suinocultura (SIAVS), enquanto, para completar, a Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (Abrapa) tocou o 13° Congresso Brasileiro do Algodão (CBA). ■



ACOMPANHE NOSSAS REDES SOCIAIS



@fgvagro
/fgvagro
@fgvagroanalysis
FGV Agro
/fgvagro

www.agroanalysis.com.br contato@agroanalysis.com.br